

Vivemos, ostensivamente, em cultura "democrática", em cultura de massas. O problema das elites, da nobreza, da aristocracia, é púdicamente reprimido. É, no entanto, um problema-chave. O propósito do presente artigo é o de tratar desse problema de um ângulo paulista.

Uma consideração da história, por mais superficial que seja, revela diversos tipos de elites. Para citar alguns exemplos: existem ou existiam elites sacerdotais, guerreiras, econômicas, intelectuais, administrativas, tecnológicas e outras. E existem ou existiam diversos tipos de propagação da elite. Hereditade e iniciação são dois exemplos dos métodos pelos quais elites se propagam. Culturas podem ser caracterizadas pelo tipo de suas elites e pelo método de propagação dessas elites. Por exemplo: a cultura romana pode ser caracterizada pelo patriciado e pelo seu método complexo de hereditade; a cultura do século 13 e 14 pelas ordens monásticas e pelo seu método de iniciação rigorosa; e a cultura austro-húngara dos séculos 18 e 19 pela nobreza administrativa, ("Beamtenadel") e pela sua combinação de iniciação e hereditade. E creio que também atualmente podem caracterizar a nossa cultura do ponto de vista proposto. Por exemplo: a cultura soviética é caracterizada pela luta entre a elite administrativa do Partido, (os "aparatchiks") e a nova elite dos tecnocratas; e a cultura americana pela luta entre a elite econômica, (a "big business") e a nova elite dos tecnocratas. Se observamos uma aproximação formal entre essas duas culturas, podemos explicá-la pelo surgir da mesma elite em ambas culturas. A cultura de massas é um mito.

Não nego a aversão e repulsão que este fato nos causa. Ofende o nosso senso de justiça. Somos condicionados pelo mito da "oportunidade igual para todos" que fundamenta o capitalismo, e pelo mito da "sociedade sem classes" que fundamenta o socialismo. A nossa antipatia é reforçada pela consideração do nazismo. Em base de uma teoria biológica cretina tentava estabelecer esse "soit-disant" movimento revolucionário uma elite racial artificialmente sintetizada nos "altos castelos de Hitler" ("Hitlerhochburgen"). O "ariano" como nobre, a besta loira como aristocrata, é uma caricatura do conceito de elite que representa bem a nossa aversão contra esse conceito. Mas o fato de existência e persistência de elites é inegável. Não podemos sequer imaginar uma cultura sem elas, por mais "primitiva" ou "evoluida" que seja. Uma das inautenticidades do socialismo e neo-capitalismo está na tentativa de negar esse fato.

Diversas elites podem coexistir numa dada cultura. Com efeito: a pluralidade de elites é sinônimo de "abertura" de uma cultura. Essa pluralidade está pois intimamente ligada com o conceito de liberdade. Comparem, por exemplo, a Idade média latina com a grega. Na cristandade latina coexistiam duas elites, caracterizadas pelos termos "império" e "papado". Na cristandade grega as duas tendiam a confundir-se. Apenas a parte latina da cristandade resultou no Renascimento, e se movimento de abertura em direção da liberdade. A tendência atual para o estabelecimento de uma única elite, a elite para-sacerdotal da tecnologia, é sintoma do fechamento da nossa cultura.

Toda elite tem sua filosofia, ou, mais exatamente, as suas teorias de conhecimento e de valores. Essas filosofias, ou o conflito entre elas, marcam a cultura. Por exemplo: a cultura medieval latina é marcada pelo conflito entre a teoria de conhecimento "empírica" do feudo, e "racional" do clero, e entre os valores "ativistas" do feudo e "contemplativos" do clero. A contenda dos universais é a expressão máxima dessa luta, e o gatilho da explosão renascentista. Outro exemplo: a cultura atual americana é marcada pelo conflito entre a teoria de conhecimento do "big business", (pragmática), e a teoria de conhecimento dos tecnólogos, (científica, tendendo para o ceticismo); e é também marcada pelo conflito entre os valores do "big business", (que são valores do sucesso), e os valores dos tecnólogos, (que são valores da programação e consistência interna). O "caso Oppenheimer" é um sintoma desse conflito. Não duvido que na União Soviética os casos Ievtuchenko e Liberman poderiam ser citados como sintomas de um conflito paralelo.

Todo este raciocínio pretende preparar o campo para a consideração da cena paulista. Procurarei primeiro definir o termo "paulista" para o uso neste artigo. Definirei como "paulista" todo aquele que participa, ativa- ou passivamente, de uma cultura que começa a articular-se neste Estado. Vejo-me forçado a restringir o escopo da cultura a este Estado, e não falar em "cultura brasileira", dada a existência de uma elite chamada "paulistas de 400 anos". Mas é óbvio que a cultura restrita da qual falo participa da mais ampla, a "brasileira", a qual, por sua

VILÉM FLUSSER

vez, se dá no campo geral da cultura do Ocidente. Se tenho razão com a tese que estou defendendo, essa cultura restrita pode ser caracterizada justamente pela existência da sua elite específica e mais ou menos bem definida. A minha definição do termo "paulista" é ampla. Muitos, e especialmente os participantes da elite mencionada, poderão considerá-la demasiadamente ampla. Um dos propósitos do presente artigo é a defesa da vastidão da definição proposta. Sugiro que quanto mais amplo o conceito "paulista", tanto mais relevante o papel da elite. Considerem, em linhas muito gerais, essa cultura "in statu nascendi". É uma cultura de imigrantes. De imigrantes recentes. E de imigrantes tão heterogêneos que não creio podermos encontrar paralelo na história ou geografia. Considerem, como exemplos, a imigração recente de italianos, árabes, judeus poloneses e japoneses. Não há, entre correntes tão díspares, a possibilidade de uma mútua assimilação significativa. As teorias de conhecimento e de valor que fundamentam a origem das correntes imigratórias não admitem traduções entre si ou o estabelecimento de um fundamento comum a todas. Não admitem o estabelecimento de uma "meta-linguagem" comum que sirva de base para uma nova cultura. Não há nem a possibilidade de um conflito entre esses sistemas de conhecimento e de valor: são excessivamente distantes. Mas se pudermos encontrar uma base geral que sirva de fundo de ressonância para essas influências díspares, a sua heterogeneidade mesma será transformada em fonte potencial de riqueza. Essa base é dada pelos paulistas de 400 anos. É neste sentido, e não num sentido "tradicional", que representam, a meu ver, a elite.

Não resta dúvida que, vista historicamente, a elite paulista tem "explicações" pertinentes. Pode ser explicada economicamente, socialmente, politicamente. E todas essas explicações, (e outras), provavelmente provarão a decadência da elite. É óbvio que provarão isto, já que a cultura da qual essa elite participava está á morte. Mas não creio que este ponto de vista histórica seja muito interessante para nós aqui agora. A importância da elite, quero crêr, não está na cultura moribunda, mas na cultura nascente. Naquela que chamei de "paulista". Longe de ter esgotado a sua função cultural, quero crêr que apenas se prepara essa elite a realizá-la no futuro imediato. E, se tenho razão, essa função é a de fornecer á nova cultura o fundamento da teoria de conhecimento e de valores, *a sua filosofia*.

Essa missão da elite é problemática, e o problema tem dois aspectos. O aspecto interno, visto pela elite mesma, e o aspecto externo, visto pelas correntes imigratórias que sobre ela incidem. Visto de dentro para fóra, o problema é o da adaptação da elite a uma circunstância revolucionariamente explosiva. O paulista de 400 anos sente-se, provavelmente, estrangeira em sua própria casa. É um desafio terrível, e exige a mobilização de todas as suas forças criadoras. Se a elite conseguir abrir-se para a sua circunstância fluida, e se conseguir impôr-lhe os seus conceitos e valores, (pelo menos como fundamento), terá lançado as bases da nova cultura. Terá se justificado como elite. Se pelo contrário, fechar-se contra a sua circunstância explosiva, se procurar ignorar ou negar a revolução em curso, terá falhado. Será varrida da superfície, e será um dos responsáveis pelo aborto da nova cultura.

O problema visto de fóra para dentro é igualmente dramático e igualmente difícil. O imigrante é chamado a aceitar os conceitos e os valores de uma elite que lhe é inteiramente estranha, e ao mesmo tempo não perder seus próprios conceitos e valores. Se conseguir abrir-se para essa estrutura fundante, e se conseguir injetar-lhe os seus conceitos e valores, terá contribuído poderosamente para o estabelecimento de uma nova cultura. Se, pelo contrário, manter-se fechado, num misto de ressentiment e falsa superioridade, típicos de outsiders e recusados, terá falhado e será, impiedosamente, eliminado do processo em curso. Trata-se, pois, para o imigrante, de uma simultânea abertura para o novo e fidelidade para com o antigo. E, se articulado o problema desta forma, trata-se do mesmo problema para o paulista de 400 anos.

Este é, a meu ver, o drama que se processa atualmente em São Paulo. Visto individualmente, é excruciante. Somos chamados, todos nós paulistas, sejamos de 400 ou de 20 anos, a perpetrar um feito de acrobacia. Devemos conservar fidelidade aos velhos valores bandeirantes, e encarar com simpatia os valores "samurai", e talmúdicos, e do misticismo "sufi". Ou devemos conservar fidelidade aos valores ancestrais do shinto, ou da torá, ou da sabedoria árabe, e aceitar os valores bandeirantes como base de uma nova forma de vida. Mas visto coletivamente, o drama paulista é inebriante. Algo de novo está nascendo, e nós par

VILÉM FLUSSER

tipamps do nascimento. Podemos distinguir, vagamente, os contornos do novo nas brumas do futuro. Uma nova maneira de viver, uma nova tentativa de dar sentido á existência absurda do homem. Esses contornos têm uma leve semelhança familiar com os conceitos e os valores dos paulistas de 400 anos. Mas são infinitamente mais ricos e mais complexos. Que outros venham e analisem os traços desses contornos, numa tomada de consciência indispensável. O propósito do presente artigo é outro. É o de salientar o papel da elite no nascimento da nova cultura, e o de apontar uma conduta digna tanto dos paulistas de 400 anos, como dos paulistas "tout court" no processo que nos envolve a todos.